

# Dedicatória [do Comentário dos Salmos]

João Calvino

JOÃO CALVINO  
AOS LEITORES PIEDOSOS E SINCEROS,  
SAUDAÇÕES

Visto que a leitura destes meus *Comentários* tem transmitido infindos benefícios à Igreja de Deus, enquanto eu mesmo tenho colhido bênçãos procedentes da composição dos mesmos, não terei motivo para sentir-me pesaroso por ter empreendido esta obra. Tendo feito aqui, em nossa pequena escola, uma exposição do Livro dos Salmos, cerca de três anos atrás, pensei que tivesse, por esse meio, me desincumbido satisfatoriamente de meu dever, e resolvi não publicar aos olhos do mundo o que, de forma familiar, ensinara aos meus próprios paroquianos. E, de fato, antes mesmo de empreender a exposição deste livro em minhas preleções, ante as solicitações de meus irmãos, tive que expor a razão por que me afastava deste tema, ou seja: porque o mais fiel doutor da Igreja de Cristo, Martin Bucer, havia labutado neste campo com tão singular erudição, diligência, fidelidade e com tanto sucesso, que afinal não havia tanta necessidade de eu lançar mão dessa tarefa. E tivessem os *Comentários* de Wolphangus Musculus, naquele tempo, sido publicados, e não me teria omitido fazer-lhe justiça, mencionando-os da mesma forma, já que ele também, na avaliação dos homens de bem, granjeou não pouco louvor por sua diligência e indústria nessa caminhada. Não tinha ainda chegado ao fim do livro quando, vejam só: fui estimulado por reiteradas solicitações para não deixar que minhas preleções, as quais algumas pessoas, cuidadosa e fielmente, e não sem muito esforço, tomaram nota, se perdessem para o mundo. Meu propósito permanecia ainda inalterado; só prometi que faria o que por muito tempo bailava em minha mente, a saber: escreve algo sobre o tema na língua francesa, para que meus compatriotas não prosseguissem sem os meios que lhe possibilitassem entender um livro tão proveitoso quando lido com a devida reflexão. Enquanto pensava em fazer tal tentativa, de súbito, e contrariando meu propósito inicial, ocorreu-me, por qual impulso não sei, fazer uma exposição, em latim, de um só dos Salmos, à guisa de ensaio. Ao perceber que meu sucesso correspondia ao meu desejo, muito além do que me aventurara antecipar, cobrei ânimo, e a seguir comecei a fazer a mesma tentativa com outros Salmos. Ao percebê-lo, meus amigos íntimos, como se agindo assim me constrangessem a concordar, me injetaram mais confiança a não desistir de minha empresa. Uma das razões que me levaram a atender suas solicitações, e a qual também desde o início me induzira a fazer a primeira tentativa, foi certa apreensão de que, em algum período futuro, as notas tomadas de minhas preleções viessem a ser publicadas ao mundo, contrariando meus desejos, ou, pelo menos, sem meu conhecimento. E posso sinceramente dizer que fui convencido a executar esta tarefa, mais por tal apreensão do que de minha livre vontade. Ao mesmo tempo, enquanto prosseguia com a execução do trabalho, passei a perceber mais distintamente que tal empreendimento de forma alguma era algo supérfluo, como também

tenho sentido de minha própria experiência que, para os leitores que não são muito experientes, estaria fornecendo importante assistência na compreensão dos Salmos.

As riquezas varias e esplêndidas que compõem este tesouro não são algo fácil de se expressar em palavras; tanto é verdade que estou bem consciente de que, seja como melhor me expresse, estarei longe de revelar toda a excelência do tema. Como, porém, é melhor apresentar aos meus leitores alguma prova, não obstante pequena, das grandiosas vantagens que usufruirão do estudo deste livro, do que guardar total silêncio sobre o assunto, que me seja permitido, brevemente, chamar a atenção para uma questão, cuja grandeza não admite permanecer completamente velada.

Tenho por costume denominar este livro – e creio não de forma incorreta – de: *“Uma Anatomia de Todas as Partes da Alma”*, pois não há sequer uma emoção da qual alguém porventura tenha participado que não esteja aí representada como num espelho. Ou, melhor, o Espírito Santo, aqui, extirpa da vida todas as tristezas, as dores, os temores, as dúvidas, as expectativas, as preocupações, as perplexidades, enfim, todas as emoções perturbadas com que a mente humana se agita. As demais partes da Escritura contêm os mandamentos, os quais Deus ordenou a seus servos que no-los anunciassem. Aqui, porém, os profetas mesmos, visto que nos são descritos falando com Deus e pondo a descoberto todos os seus mais íntimos pensamentos e afeições, convidam ou, melhor, atraem cada um de nós a fazer um exame de si mesmo individualmente, a fim de que nenhuma das muitas debilidades a que estamos sujeitos, e nenhum dos muitos vícios aos quais estamos jungidos, permaneça oculto. Com toda certeza é uma rara e singular vantagem quando todos os esconderijos se põem a descoberto e o coração é trazido à claridade e purgado da mais perniciosa das infecções – a hipocrisia! Em suma, como invocar a Deus é um dos principais meios de garantir nossa segurança, e como a melhor e mais inerrante regra para guiar-nos nesse exercício não poder ser encontrada em outra parte senão nos Salmos, segue-se que em proporção à proficiência que uma pessoa haja alcançado em compreendê-los, terá também alcançado o conhecimento da mais importante parte da doutrina celestial. A genuína e fervorosa oração provém, antes de tudo, de um real senso de nossa necessidade, e, em seguida, da fé nas promessas de Deus. É através de uma atenta leitura dessas composições inspiradas que os homens serão mais eficazmente despertados para a consciência de suas enfermidades, e, ao mesmo tempo, instruídos a buscar o antídoto para sua cura. Numa palavra, tudo quanto nos serve de encorajamento, ao nos pormos a buscar a Deus em oração, nos é ensinado neste livro. E não é só o caso de as promessas divinas nos serem apresentadas nele, mas às vezes se nos exhibe, por assim dizer, uma posição entre os convites de Deus, por um lado, e os empedimentos da carne, por outro, envolvendo-nos e preparando-nos para a oração. Desse modo ensinando-nos – se porventura em qualquer tempo formos agitados por forte gama de dúvidas – a resistir e lutar contra tais empedimentos, até que a alma, libertada e desembaraçada de todos eles, se ponha diante de Deus; e não só isso, mas que, mesmo em meio às dúvidas, os temores e as apreensões, envidemos todo o nosso esforço em orar, até que experimentemos alguma consolação que venha acalmar e trazer refrigério às nossas mentes. Ainda que a incerteza escancare seus portões contra nossas orações, não devemos transigir, sempre que nossos corações oscilem ou sejam

agitados pela inquietude; ao contrário, devemos perseverar até que a fé finalmente saia vitoriosa desses conflitos. Em muitos lugares, podemos perceber o exercício dos servos de Deus orando com demasiada hesitação, de modo que se vêem quase que subjugados pela expectativa alternada de sucesso e prelibação de fracasso, medo de receber o prêmio só depois de extenuantes esforços. Vemos, por outro lado, a carne manifestando sua enfermidade; e, por outro, a fé desenvolvendo seu vigor; e se não é suficientemente valente e corajosa como poderia ser, pelo menos se prepara para a luta e gradualmente adquire perfeito vigor.

Mas, como os elementos que servem para ensinar-nos o genuíno método de orar corretamente se acham esparsos por todo este comentário, não me interromperei agora para tratar de tópicos que serão inevitavelmente repetidos depois, nem deterei meus leitores de prosseguirem em direção à própria obra. Simplesmente pareceu-me ser indispensável mostrar de passagem que este livro nos torna notório este privilégio, o qual é desejável acima de todos os demais, a saber: que não só nos é franqueado aquele familiar acesso à presença de Deus, mas também que temos permissão e nos é concedida a liberdade de pôr a descoberto diante dele aquelas nossas fraquezas que teríamos vergonha de confessar diante dos homens. Além disso, temos também aqui prescrito uma regra infalível a nos orientar sobre a maneira correta de oferecer a Deus o sacrifício de louvor, o qual ele declara ser a coisa mais preciosa aos seus olhos e o mais agradável dos aromas. Não existe outro livro onde mais se expressem e magnifiquem as celebrações divinas, seja da liberdade de Deus sem paralelo em favor de sua Igreja, seja de todas as suas obras. Não há nenhum outro livro em que haja registrados tantos livramentos, nenhum outro em que as evidências e as experiências da providência paternal e a solicitude que Deus exerce para conosco sejam celebradas com tanto esplendor de expressão e ao mesmo tempo com a mais estrita aderência à verdade. Em suma, não há outro livro em que somos mais perfeitamente instruídos na correta maneira de louvar a Deus, ou em que somos mais poderosamente estimulados à realização desse sacro exercício. Além do mais, ainda que os Salmos estejam repletos de todo gênero de preceitos que servem para estruturar nossa vida a fim de que a mesma seja saturada de santidade, de piedade e de justiça, todavia eles principalmente nos ensinarão e nos exercitarão para podermos levar a cruz; e levar a cruz é uma genuína prova de nossa obediência, visto que, ao fazermos isso, renunciemos a liderança de nossas próprias afeições e nos submetemos inteiramente a Deus, permitindo-lhe nos governar e dispor de nossa vida segundo os ditames de sua vontade, de modo que as aflições que são as mais amargas e mais severas à nossa natureza se nos tornem suaves, porquanto procedem dele. Numa palavra, aqui não só encontraremos enaltecimento à bondade de Deus, a qual tem por meta ensinar aos verdadeiros crentes a confiadamente buscarem nele, de todo o seu coração, auxílio em todas as suas necessidades. Mas também descobriremos que a graciosa remissão dos pecados, a qual é o único meio de reconciliação entre Deus e nós, e a qual restaura nossa paz com ele, é tão demonstrada e manifesta, como se aqui nada mais faltasse em relação ao conhecimento da eterna salvação.

Ora, se porventura meus leitores extraírem algum fruto e benefício do labor que ora empreendo, escrevendo estes comentários, devo levá-los a entender que a diminuta medida de experiência que tenho extraído dos conflitos com os quais o

Senhor me tem exercitado, me ajudou não simplesmente num grau ordinário, não só em aplicar ao presente uso qualquer instrução que pudesse ser extraída dessas divinas comparações, mas também em compreender mais facilmente o propósito de cada um dos escritores. E como Davi ocupa o principal lugar entre eles, isso me tem auxiliado a compreender mais plenamente as queixas expressas por ele, das aflições íntimas que a Igreja teria que suportar através daqueles que se dispuseram a ser seus membros, para que eu suportasse as mesmas ou coisas similares por parte dos inimigo domésticos da Igreja. Pois ainda que tenha eu seguido a Davi de uma longa distância, e tenha faltado muito pouco para igualar-me a ele, ou, melhor, ainda que, ao anelar tardiamente e com grande dificuldade alcançar as muitas virtudes com as quais ele excedeu a muitos, todavia me senti deslustrado com os vícios contrários. Todavia, se porventura tiver algumas coisas em comum com ele, então não terei hesitação alguma em comparar-me com ele. Ao ler os exemplos de sua fé, paciência, fervor, zelo e integridade, tal ato arrancou de mim, inevitavelmente, incontáveis gemidos e suspiros, por ver que estou mui longe de chegar-me a ele; não obstante, tendo sido de imenso benefício poder eu olhar para ele como num espelho, tanto nos primórdios de minha vocação como ao longo do curso de minha função, tanto que eu sei com toda certeza que todos os inúmeros exemplos de sofrimento por que passou o rei Davi me foram exibidos por Deus como um exemplo a ser imitado. Minha condição, não há dúvida, é muito inferior à dele, e é desnecessário que me esforce para o demonstrar. Mas como ele fora tirado do rebanho e elevado à categoria de suprema autoridade, também Deus, me havendo tirado de minha originariamente obscura e humilde condição, considerou-me digno de ser investido com o sublime ofício de pregador e ministro do evangelho.

Quando eu era ainda bem pequeno, meu pai me destinou aos estudos de teologia. Mais tarde, porém, ao ponderar que a profissão jurídica comumente promovia aqueles que saíam em busca de riquezas, tal prospecto o induziu a subitamente mudar seu propósito. E assim aconteceu de eu ser afastado do estudo de filosofia e encaminhado aos estudos da jurisprudência. A essa atividade me diligenciei a aplicar-me com toda fidelidade, em obediência a meu pai; mas Deus, pela secreta orientação de sua providência, finalmente deu uma direção diferente ao meu curso. Inicialmente, visto eu me achar tão obstinadamente devotado às superstições do papado, para que pudesse desvencilhar-me com facilidade de tão profundo abismo de lama, Deus, por um ato súbito de conversão, subjugou e trouxe minha mente a uma disposição suscetível, a qual era mais empedernida em tais matérias do que se poderia esperar de mim naquele primeiro período de minha vida. Tendo assim recebido alguma experiência e conhecimento da verdadeira piedade, imediatamente me senti inflamado de um desejo tão intenso de progredir nesse novo caminho que, embora não tivesse abandonado totalmente os outros estudos, me ocupei deles com menos ardor.

Fiquei totalmente aturdido ao descobrir que antes de haver-se esvaído um ano, todos quanto nutriam algum desejo por uma doutrina mais pura vinham constantemente a mim com o intuito de aprender, embora eu mesmo não passasse ainda de mero neófito e principiante. Possuidor de uma disposição um tanto rude e tímida, o que me levava sempre a amar a solidão e o isolamento, passei, então, a buscar algum canto isolado onde pudesse furtar-me da opinião

pública; longe, porém, de poder realizar o objetivo de meus sonhos, todos os meus retraimentos eram como que escolas públicas. Em suma, enquanto meu único e grande objetivo era viver em reclusão, sem ser conhecido, Deus me guiava através de crises e mudanças, de modo a jamais me permitir descansar em lugar algum, até que, a despeito de minha natural disposição, me transformasse em atenção pública. Deixando meu país natal, a França, de fato me refugiei na Alemanha, com o expresso propósito de poder ali desfrutar em algum canto obscuro o repouso que havia sempre desejado, o qual me fora sempre negado.

Mas qual! Enquanto me escondia em Basle, conhecido apenas de umas poucas pessoas, muitos fiéis e santos eram queimados na França; e a notícia dessas mortes em fogueira, tendo alcançado as nações distantes, incitavam a mais forte desaprovação ente uma boa parte de alemães, cuja indignação acendeu-se contra os autores de tal tirania. A fim de conter tal indignação, fizeram-se circular certos panfletos ímpios e mentirosos, declarando que ninguém era tratado com tal crueldade, exceto os anabatistas e pessoas sediciosas que, por seus perversos desvarios e falsas opiniões, estavam transtornando não só a religião, mas ainda toda a ordem civil. Observando que o objetivo almejado por esses instrumentos do tribunal inquisitorial, através de seus disfarces, era não só que a desgraça do derramamento de tanto sangue inocente ficasse impune sob falsas acusações e calúnias, as quais lançavam contra os santos mártires depois de sua morte, mas também para que pudessem, depois, continuar, sem limites, assassinando os pobres santos sem incitar a compaixão no coração do povo em seu favor, pareceu-me que, a menos que eu lhes fizesse oposição, usando o máximo de minha habilidade, meu silêncio não poderia ser justificado ante a acusação de covardia e traição.

Essa foi a consideração que induziu-me a publicar minha *Instituição da Religião Cristã*. Meu objetivo era, antes de tudo, provar que tais notícias eram falsas e caluniosas, e assim defender meus irmãos, cuja morte era preciosa aos olhos do Senhor; e meu próximo objetivo visava a que, como as mesmas crueldades que poderiam muito em breve ser praticadas contra muitas pessoas infelizes e indefesas, as nações estrangeiras fossem sensibilizadas, pelo menos, com um mínimo de compaixão e solicitude para com elas. Ao ser publicada, ela não era essa obra ampla e bem trabalhada como agora; mas não passava de um pequeno tratado contendo um sumário das principais verdades da religião cristã; e não foi publicada com outro propósito senão para que os homens soubesse qual era a fé defendida por aqueles a quem eu via sendo ignominiosa e perversamente difamados por aqueles celerados e pérfidos adutores. É evidente que meu objetivo não visava a granjear fama, diante do fato de que imediatamente depois deixei Basle, e particularmente à luz do fato de que ninguém ali sabia que eu era seu autor.

Para qualquer lugar aonde eu fosse, teria me acautelado a fim de ocultar minha identidade como o autor de tal façanha; e resolvera continuar na mesma privacidade e obscuridade, até que, finalmente, William Farel me deteve em Genebra, não propriamente movido por conselho e exortação, e, sim, movido por uma fulminante imprecação, a qual me fez sentir como se Deus pessoalmente, lá do céu, houvera estendido sua poderosa mão sobre mim e me aprisionado.

Como a estada mais direta para Strasburg, pela qual eu então pretendia passar, estava bloqueada pelas forças armadas, então decidi passar rapidamente por Genebra, permanecendo ali não mais que uma noite. Um pouco antes disso, o papismo havia sido expulso dela pelos esforços daquela excelente pessoa, a quem já me referi, e de Pedro Viret. Todavia, a situação ainda não estava apaziguada, e a cidade se encontrava dividida em facções ímpias e danosas. Então certo indivíduo, que agora se encontrava ignominiosamente em estado de apostasia, e havia bandeado para os papistas, me descobriu e revelou a outros minha identidade.

Nisso, Farel, que ardia com um inusitado zelo pelo avanço do evangelho, imediatamente pôs em ação toda a sua energia a fim de deter-me. E, ao descobrir que meu coração estava completamente devotado os meus próprios estudos pessoais, para os quais desejava conservar-me livre de quaisquer outras ocupações, e percebendo ele que não lucraria nada com seus rogos, então lançou sobre mim sua imprecação, dizendo que Deus haveria de amaldiçoara meu isolamento e a tranqüilidade dos estudos que tanto buscava, caso me esquivasse e recusasse dar minha assistência, quando a necessidade era em extremo premente.

Sob o impacto de tal imprecação, eu me senti tão abalado de terror, que desisti da viagem que havia começado. Movido, porém, por minha natural solidão e timidez, não me via na obrigação de responsabilizar-me por qualquer ofício particular. Depois disso, tendo já passado quase quatro meses quando, por um lado, os anabatistas começaram a assaltar-nos, e, por outro lado, um certo apóstata muito perverso, sendo secretamente apoiado pela influência de alguns dos magistrados da cidade, estava em iminência de trazer-nos um bocado de problemas. Ao mesmo tempo, uma sucessão de desavenças sobreveio à cidade, o que de modo singular nos afligiu. Sendo, como eu mesmo reconheço, naturalmente de índole tímida, vacilante e pusilânime, fui arremessado ao encontro desses violentos conflitos como uma porção de meu primeiro treinamento. E ainda que não procurasse estar debaixo deles, todavia não me sentia sustentado por uma grandeza tal de espírito, que me alegrasse além do que poderia, quando, em consequência de certos distúrbios, fui banido de Genebra.

Vendo-me assim em liberdade e isento dos vínculos de minha vocação, resolvi viver num estado de privacidade, livre do peso e das preocupações de encargo público. Foi quando aquele mui excelente servo de Cristo, Martin Bucer, empregando um gênero similar de censura e protesto ao que Farel recorrera antes, arrastou-me de volta a uma nova situação. Alarmado com o exemplo de Jonas, o qual ele pusera diante de mim, ainda prossegui na obra do ensino. E embora continuasse como sempre fui, evitando por todos os meios a celebridade, todavia fui levado, sem o saber, como que pela força, a comparecer às assembléias imperiais, onde, voluntária ou involuntariamente, fui forçado a aparecer ante os olhos de muitos. Mais tarde, quando o Senhor, revelando a compaixão por essa cidade, acalmou as perniciosas agitações e tumultos que prevaleciam nela, e por seu infinito poder destruiu tanto os conselhos dos perversos quanto as tentativas sanguinárias dos perturbadores da república, a necessidade forçou-me a voltar à minha função anterior, contrariando minha aspiração e inclinação. O bem-estar desta Igreja, é verdade, era algo tão íntimo

de meu coração, que por sua causa não hesitaria a oferecer minha própria vida; minha timidez, não obstante, sugeriu-me muitas razões para escusar-me uma vez mais de, voluntariamente, tomar sobre meus ombros um fardo tão pesado. Entretanto, finalmente uma solene e conscienciosa consideração para com meu dever prevaleceu e me fez consentir em voltar ao rebanho do qual fora separado. Mas o Senhor é minha melhor testemunha da tristeza, lágrimas, profunda ansiedade e abatimento com que eu fiz isso, e muitas pessoas piedosas teriam desejado ver-me livre de tão deplorável estado, não fosse ele aquilo que eu tanto temia e que me fez dar meu consentimento, antecipando-as e fechando seus lábios.

Fosse eu narrar os inúmeros conflitos por meio dos quais o Senhor me tem exercitado, desde aquele tempo, e as quantas provações com as quais ele me tem testado, daria uma longa história. Mas para que eu não seja tedioso aos meus leitores com desperdício de palavras, contentar-me-ei com reiterar sucintamente o que toquei de leve um pouco antes, ou seja, que ao considerar todo o curso da vida de Davi, pareceu-me que, por suas próprias pegadas, ele me indicou o caminho, e daí tenho experimentado não pouca consolação. Como aquele rei fora açoitado pelos filisteus e outros inimigos estrangeiros com guerras contínuas, enquanto era muito mais gravemente afligido pela malícia e perversidade de alguns homens pérfidos dentre seu próprio povo, no tocante a mim posso dizer que tenho sido assaltado de todos os lados, e raramente tenho desfrutado de repouso por apenas um momento, senão que sempre tive que manter algum conflito com inimigos, quer fora quer dentro da Igreja. Satanás tem feito incontáveis tentativas para destruir a textura desta Igreja; e uma vez ele alcançou tal empresa, tanto que eu, demasiadamente débil e timorato como sou, fui compelido a rechaçá-lo e a pôr um ponto final aos seus mortíferos assaltos, pondo minha vida em risco e expondo minha pessoa às suas bazófilias.

Mais tarde, no espaço de cinco anos, quando alguns libertinos ímpios se viram munidos com indevida influência, bem como alguns dentre o vulgo, corrompidos pelas fascinações e perversos discursos de tais pessoas, desejavam obter a liberdade de fazer o que bem quisessem, sem qualquer controle, eu me vi obrigado a batalhar sem cessar para defender e manter a disciplina da Igreja. Para tais personagens religiosos e menosprezadores da doutrina celestial era uma questão de total indiferença se a Igreja se precipitasse em ruína, contanto que obtivessem o que buscavam – o poder de agir como bem quisessem. Muitos, também, açoitados pela pobreza e pela fome, e outros impelidos pela insaciável ambição ou avareza, bem como um anseio por lucro desonesto, se tornaram por demais fanáticos, lançando todas as coisas em confusão, os quais escolheram antes envolver a si próprios e a nós numa ruína comum do longo de todo esse extenso período, creio que raramente existia alguma das armas que são forjadas na oficina de Satanás que não fosse empregada por eles com o fim de alcançar seus objetivos. Finalmente, as coisas chegaram a um estado tal que não era possível pôr fim às suas maquinações, de outra forma, senão eliminando-os com uma morte ignominiosa; o que para mim, aliás, era um espetáculo doloroso e deplorável. Sem dúvida, mereciam o mais severo castigo, mas quanto a mim, ao contrário, desejava que vivessem sempre em prosperidade e continuassem incólumes e intocáveis; o que teria sucedido, não fossem eles completamente incorrigíveis, e obstinadamente se recusassem ouvir tão saudável admoestação.

O sofrimento desses cinco anos era profundo e difícil de suportar; mas experimentei não menos dilacerante dor provinda da malignidade daqueles que não cessavam de atacar a mim e ao meu ministério com peçonhentas calúnias. Em grande medida, é verdade, são tão cegos pela paixão de caluniar e ferir que, para sua grande desgraça, de imediato denunciam sua impudência; enquanto que outros, não obstante sua astúcia e esperteza, não podem manter-se encobertos ou disfarçar-se por tanto tempo em sua tentativa de escaparem de ser vergonhosamente desmascarados e humilhados. Todavia, quando alguém, uma centena de vezes, é encontrado inocente de uma acusação assacada contra si, e quando a acusação é uma vez mais reiterada sem qualquer causa ou razão, tal coisa é uma indignidade por demais difícil de suportar.

Só porque afirmo e mantenho que o mundo é dirigido e governado pela secreta providência de Deus, uma multidão de homens presunçosos se ergue contra mim alegando que apresento Deus como sendo o autor do pecado. Essa é uma calúnia tão estúpida, que num piscar de olhos se desfaria em nada, se tais pessoas não sofressem de coceira nos ouvidos e não sentissem profundo prazer em nutrir-se com tais discursos. Mas há muitos outros cujas mentes se encontram tão entulhadas de inveja e mau humor, de ingratidão e malignidade, que não há falsidade, ainda a mais absurda, sim, ainda a mais monstruosa, que não recebam assim que lhes chega aos ouvidos. Outros tudo fazem para destruir o eterno propósito divino da predestinação, pelo qual Deus distingue entre os réprobos e os eleitos; outros tomam sobre si o encargo de defender o livre-arbítrio; e, com muita disposição, muitos se precipitam em suas fileiras, não tão movidos de ignorância, movidos, porém, de um fanatismo perverso o qual não há como descrever. Se os que me causam tais sofrimentos porventura fossem inimigos francos e confessos, a situação poderia de alguma forma ser suportável. Visto, porém, que os que se escondem sob o nome de *irmãos*, e não só comem o sacro pão de Cristo, mais ainda o administram a outrem, e visto que, em suma, blasonam em alto e bom som ser pregadores do evangelho, movendo guerras tão nefandas contra mim, quão detestável se torna! Em tal matéria, posso com muita razão fazer coro à queixa de Davi: “Até meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar” [Sl 41:9]. “Com efeito, não é inimigo que me afronta; se o fosse, eu o suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim, pois dele eu me esconderia; mas és tu, homem meu igual, meu companheiro e meu íntimo amigo” [Sl 55:12-14].

Outros fazem circular notícias ridículas a respeito dos meus tesouros; outros, da extravagante autoridade e imensurável influência que, dizem eles, eu possuo; outros falam de minha mesa farta e de minha magnificência. Mas quando um homem vive contente com o alimento frugal e uma vestimenta vulgar, e não requer dos mais humildes mais frugalidade do que ele mesmo revela e pratica, dir-se-á que tal pessoa é em demasia suntuosa e que vive em exagerado requinte de estilo? Quanto ao poder e influência de que me invejam, quisera desvencilhar-me de tal fardo que puseram sobre mim; pois avaliam meu poder pelo acúmulo de afazeres e pelo imenso peso de trabalhos com que fui sobrecarregado. E se há alguns a quem não posso, enquanto viver, persuadir de que não sou rico, minha morte finalmente o provará. Confesso, deveras, que não sou pobre; pois não desejo nada mais além daquilo que possuo.



Todas essas estórias não passam de invencionices, e não existe qualquer realidade em nenhuma delas. Muitos, porém, são facilmente persuadidos por sua plausibilidade e as aplaudem. E a razão consiste no fato de que a maioria julga que os únicos meios de disfarçar sua hediondez é lançando todas as coisas em desordem e confundindo preto com branco; e acreditam que o melhor e mais curso caminho pelo qual podem obter plena liberdade, para que vivam impunemente e como bem lhe apraz, é destruindo a autoridade dos servos de Cristo.

Além de tudo isso, há aqueles de quem Davi se queixava – “como vis bufões em festim” [Sl 35:16]. E o que tenho em mente não é apenas os tipos ‘lambedores de pratos’, que buscam algum alimento para encher seu ventre, mas todos aqueles que, por meio de falsas notícias, buscam obter os favores dos grandes. Vivendo por longo tempo acostumado a deglutir erros como esses, confesso que me tornei quase empedernido; todavia, quando a insolência de tais indivíduos aumenta, às vezes outra coisa não faço senão sentir meu coração ferido por dilacerantes pontadas. Não era suficiente que eu fosse tratado de forma tão desumana pelo meu próximo. Além disso, num país distante, para os lados do oceano gelado, como eu não sei, suscitou-se um tumulto, promovido pelo frenesi de uns poucos, os quais mais tarde sublevaram contra mim uma vasta multidão dos que vivem no ócio e não têm o que fazer, exceto embaraçar os passos daqueles que estão labutando para a edificação da Igreja.

Estou ainda falando dos inimigos internos da Igreja – daqueles que, gabando-se vigorosamente do evangelho de Cristo, não obstante se investem contra mim com mais impetuosidade do que contra os confessos adversários da Igreja, só porque não abraço suas noções grosseiras e fictícias concernentes à maneira carnal de comer a Cristo no sacramento; e de quem posso protestar, segundo o exemplo de Davi: “Sou pela paz; quando, porém, eu falo, eles teimam pela guerra” [Sl 120:7]. Além do mais, a cruel ingratidão de todos eles se manifesta no seguinte: sem escrúpulo atacam pelos flancos e pela retaguarda a um homem que exaustivamente se esforça por manter a mesma causa comum a todos eles, e a quem, portanto, deveriam auxiliar e socorrer. Com toda certeza, se tais pessoas fossem possuidoras de pelo menos um pouquinho de humanidade, a fúria dos papistas que é desferida contra mim, com tão desenfreada violência, apaziguariam a animosidade tão implacável que mantêm em relação a mim.

Visto, porém, que a condição de Davi era tal que, embora merecesse o bem por parte de seu próprio povo, ele era, não obstante, amargamente odiado sem causa por muitos, como ele mesmo se queixa no Salmo 69:4: “por isso tenho que restituir o que não furtei” – o que me transmitia não pouca consolação, ao ser injustamente atacado pelo ódio daqueles que deveriam me prestar assistência e confortar-me, ao conformar-me ao exemplo de tão grande e tão excelente personagem. Tal conhecimento e experiência me têm sido de grande valia, capacitando-me a entender os Salmos, de modo que, em minhas meditações sobre eles, não perambulei, por assim dizer, por regiões ignotas.

Meus leitores, também, se não me engano, observarão que, ao expor as afeições íntimas, tanto de Davi quanto dos demais [escritores], discorro sobre aquelas questões das quais tenho experiências pessoais. Além do mais, visto que tenho

labutado fielmente para abrir este tesouro a todo o povo de Deus, ainda que o tenho feito não tenha correspondido aos meus desejos, no entanto a tentativa que tenho empreendido merece ser recebida com certa medida de simpatia. Entretanto, apenas solicito que cada um julgue meus labores com justiça e candura, segundo os benefícios e frutos que deles advierem. Certamente, como disse anteriormente, quando alguém ler estes comentários, verá claramente que não busquei ser agradável, a menos que eles, ao mesmo tempo, sejam proveitosos a outrem.

Portanto, não tenho só observado do começo ao fim um estilo simples de ensinar, mas, a fim de ser afastado ao máximo de toda e qualquer ostentação, tenho também, geralmente, evitado refutar as opiniões de outros, ainda que tal coisa apresentasse uma oportunidade muito favorável para plausível exibição e arrancar os aplausos daqueles que saborearão meu livro com detida reflexão. Jamais toco em opiniões opostas, a não ser onde houve razão para temer que, guardando silêncio sobre elas, poderia deixar meus leitores em dúvida e perplexidade. Ao mesmo tempo, estou consciente de que teria sido muito mais agradável ao paladar de muitos, se eu tivesse reunido grande acervo de matérias que granjeassem grande fascínio e adquirissem fama para o escritor; mas senti que nada é mais importante do que granjear o respeito que produz a edificação da Igreja. Que o Deus que implantou tal desejo em meu coração conceda, por sua graça, que o êxito seja correspondente!

Genebra, 22 de julho de 1557

Fonte: *O Livro dos Salmos – volume 1*, João Calvino, Editora Paracletos, pág. 31-48.